

A (IN)DISTINÇÃO MORFOFONOLÓGICA DE NOMES E VERBOS NA LIBRAS

THE MORPHO-PHONOLOGICAL (IN)DISTINCTION OF NOUNS AND VERBS IN LIBRAS

Igor Valdeci Ramos da Silva | [Lattes](#) | igor.silva@outlook.com

UFSC

Aline Lemos Pizzio | [Lattes](#) | alinelemospizzio@gmail.com

UFSC

Resumo: Este artigo investiga a distinção morfofonológica entre nomes e verbos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), fenômeno investigado em outras línguas de sinais, como a American Sign Language (ASL) e a Australian Sign Language (AUSLAN). O parâmetro movimento desses sinais foi analisado em contexto morfossintático para descrever se existe uma distinção morfofonológica baseada na repetição de parâmetros fonológicos (Quadros e Karnopp, 2004; Sobrinho, 2022) ou interpretação morfossintática (Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020) entre substantivos e verbos. Isso significa que um fenômeno da morfologia e suas interfaces foi analisado. Para isso, foram observados dados de produção espontânea da língua, coletados do *Corpus da Libras UFSC*, da Grande Florianópolis. A fim de determinar a categoria gramatical dos sinais analisados, optamos por coletar sinais em unidades sintáticas, com foco para estruturas em que a grade argumental do elemento que estrutura o sintagma permitiu minimizar ambiguidades. Também buscamos observar o *mouthings* como possível elemento fonológico categorizador. Os resultados da análise indicaram inconsistência ao associar o processo morfológico de derivação ao movimento, pois a maior parte dos dados não apresentou o movimento esperado, corroborando os achados de investigações anteriores. As ocorrências do *mouthings* também não demonstram relevância para o fenômeno. Portanto, compreendemos que a distinção entre nomes e verbos é interpretada morfossintaticamente. Além disso, embora as variáveis sociolinguísticas possam ser outra explicação para o fenômeno, dados de outras investigações corroboram os resultados encontrados.

Palavras-chave: Morfologia; Fonologia; Morfossintaxe; Categorização de palavras; Libras.

Abstract: This paper investigates the previously explored phenomenon of morphophonological distinction between nouns and verbs in Brazilian Sign Language (Libras). Similar research has been conducted on sign languages like American Sign Language (ASL) and Australian Sign Language (AUSLAN). We analyze sign movements within syntactic context to describe if a morphophonological distinction exists based on the repetition of phonological parameters (Quadros & Karnopp, 2004; Sobrinho, 2022) or a morphosyntactic interpretation (Minussi & Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020). This means that a phenomenon of morphology and its interfaces has been analyzed. Data from spontaneous language production in the Great Florianópolis Libras Corpus was collected. To determine the grammatical category, signs were collected within syntactic units focusing on structures where the argument structure minimized ambiguity. We also examined mouthing as a potential phonological categorizing element. Analysis results revealed inconsistency in associating morphological derivation with movement, as most data lacked the expected movement, aligning with previous findings. Similarly, mouthing occurrences seem irrelevant. Therefore, we conclude that the distinction between nouns and verbs is interpreted morphosyntactically. While sociolinguistic variables might be another explanation, data from other research supports these findings.

Keywords: Morphology; Phonology; Morphosyntax; Word derivation; Libras.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda um fenômeno linguístico estudado em outras línguas de sinais, como a ASL (Supalla, Newport, 1978), AUSLAN (Johnston, 2001), entre outras, como a RSL (Russian Sign Language), a LIS (Italian Sign Language) (Abner, 2021): a categorização de palavras na Libras, mais especificamente o caso de nomes¹ (N) e verbos (V), definidos pelo processo morfológico de derivação.

A partir das pesquisas mencionadas, além de outras com repercussão para fenômenos morfológicos da Libras (Quadros, Karnopp, 2004; Pizzio, 2011; Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Lavras, 2019; Sobrinho, 2022), a proposta desta investigação é responder às seguintes perguntas: seria possível observar aspectos morfofonológicos, como o parâmetro movimento e o *mouthing*², como elementos da Libras que podem ser

¹ Seguimos a nomenclatura adotada por Pizzio (2011) para nos referirmos a sinais que correspondem a substantivos.

² *Mouthing* – assumimos a ideia apresentada por Sandler e Lillo Martin (2006), de que esse morfema pode ser tanto a articulação de parte da palavra da língua dominante do território (no Brasil, o português) quanto sons e características do que está sendo sinalizado.

associados à distinção de nomes e verbos em dados de produção espontânea da língua, apenas por meio da morfossintaxe? Sendo a morfossintaxe um modo de interpretar as diferentes categorias de palavra, na Libras interpretamos as categorias pelo contexto sintático ou nos valemos da distinção morfofonológica?

Posto que as pesquisas de Pizzio (2011) e Lavras (2019) analisaram dados de produção eliciada, consideramos ser interessante avaliar o fenômeno em dados de produção espontânea, por se tratar da língua em si, realizada sem estímulos nem monitoramento de fala. Além disso, consideramos que Expressões Não Manuais (ENM) pudessem exercer algum papel na distinção, caso o movimento (M) não o fizesse. Desse modo, nesta pesquisa analisamos também o *mouththing* como uma ENM que também poderia marcar a derivação fonologicamente.

Partimos de uma abordagem morfossintática segundo a qual a grade argumental de verbos, em unidades sintáticas da Libras, ao requerer determinadas categorias gramaticais de palavra, como N e V, para satisfazer sua grade, pode permitir observar se o parâmetro M é uma característica morfológica distintiva que pode ser associada ao processo de derivação na Libras, a exemplo de Ferreira (2021). Desse modo, seria possível, inicialmente, certificar que determinado sinal corresponde a um nome e/ou a um verbo, para então observar se o movimento é compatível com o sugerido por Quadros e Karnopp (2004).

Assim, nosso objetivo foi descrever a possibilidade de distinção entre nomes e verbos via repetição do parâmetro fonológico movimento, observando também se o *mouththing* exerce papel morfológico nessa distinção, para compreender se na Libras há distinção morfofonológica ou apenas a interpretação morfossintática das categorias gramaticais de palavra.

Em outras palavras, é possível afirmar que nosso objetivo também é verificar as hipóteses presentes em Quadros e Karnopp (2004), de que a distinção é marcada pelo M, ou as de Minussi e Takahira (2013), Almeida-Silva (2019) e Santos (2020), de que a distinção é marcada de modo morfossintático, ou seja, interpretada por meio da sintaxe.

Este estudo se justifica por alguns pontos principais: primeiro, por avançar na discussão, a partir da Libras, de um fenômeno linguístico amplamente investigado em diversas línguas de sinais, a exemplo de Abner (2021). Segundo, por contribuir para o que já vem sendo sugerido pela literatura (Quadros, Karnopp, 2004; Pizzio, 2011; Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Lavras, 2019; Santos, 2020; Sobrinho, 2022). Além disso, a partir dos resultados, é possível compreender melhor a morfologia da Libras e,

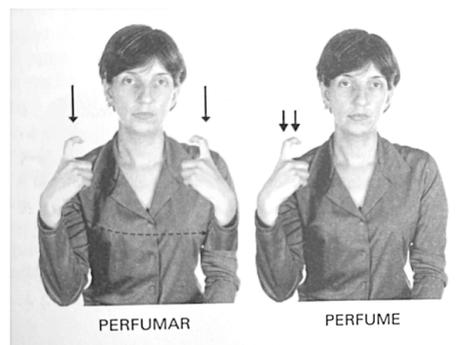
consequentemente, aspectos que revelam características tipológicas da Libras, ou seja, conhecer quais aspectos são semelhantes e distintos em relação a outras línguas de sinais. Assim, os resultados podem contribuir para a descrição das características da Libras e, consequentemente, para seu aprendizado, a partir da explicitação de suas idiossincrasias.

A ATUAL DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM PESQUISAS DA LIBRAS

Para a morfologia do português, um exemplo de derivação pode ser o que ocorre pelo acréscimo de um sufixo. O substantivo “valor”, com o acréscimo do sufixo “-izar”, forma o verbo “valorizar”, por exemplo. Desse modo, tem-se a derivação de um substantivo³ em um verbo ou de uma categoria de palavra em outra.

Dentre as línguas de sinais já investigadas, o estudo de Supalla e Newport (1978) demonstra que a ASL marca a derivação e a distinção de nomes e verbos morfofonologicamente, ou seja, uma alteração no parâmetro fonológico movimento (M) distingue nomes de verbos. Supalla e Newport (1978) observaram que, em geral, verbos possuem um único movimento alongado, enquanto nomes teriam o movimento encurtado e, por vezes, repetido, o que tem sido chamado de reduplicação. A figura 1 apresenta um possível exemplo da Libras.

Figura 1 – Exemplo da Libras da generalização da ASL: a repetição do parâmetro movimento (M) distingue nomes (N) de verbos (V)



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

³ A fim de respeitar e seguir a nomenclatura adotada em outras pesquisas de línguas de sinais, como a de Supalla e Newport (1978), além de outras referências, como Quadros e Karnopp (2004), optamos por usar nome sempre que estivermos tratando de substantivos em línguas de sinais.

Em sua obra seminal para o campo de estudos linguísticos da Libras no Brasil, Quadros e Karnopp (2004) sugerem que essa língua possa marcar a derivação do mesmo modo que a ASL. A figura 1 demonstra o par semântico PERFUMAR / PERFUME na Libras. Para as autoras, o verbo apresenta apenas um movimento longo, enquanto o nome apresenta dois movimentos, curtos e repetidos. Desse modo, assim como em português, sinais que pertencem a diferentes categorias de palavras apresentariam características fonológicas distintas para a morfologia. A partir desse pressuposto, pesquisadores como Pizzio (2011) e Lavras (2019) dedicaram seus estudos à investigação desse fenômeno na Libras. Outros exemplos comuns na literatura podem ser os pares semânticos TELEFONE / TELEFONAR e SENTAR / CADEIRA, conforme figura 2.

Figura 2 – Exemplos de possível derivação na Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Após Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) estudou processos de formação de palavras na Libras. Para a autora, a língua brasileira de sinais é “uma língua flexional, com características de língua aglutinante, por conta dos processos de composição e incorporação” (p. 9). Seu estudo elenca percepções gerais acerca dos processos de formação de palavras na Libras, delineando caminhos a serem explorados por pesquisas futuras.

Pizzio (2011), em sua pesquisa de doutorado, investigou a derivação de nomes e verbos na Libras a partir de dados obtidos por coleta de método eliciado, na região da grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os testes para observar os pares semânticos de sinais consistiram em apresentar imagens para estimular a produção dos sinais correspondentes às categorias N e V, para então observar o parâmetro M. A fim de certificar os resultados, também houve uma comparação dos sinais a partir de seus registros em dicionários. Desse modo, os resultados da pesquisa sugerem que a Libras não apresenta

a distinção morfofonológica para as categorias de palavra nome e verbo, pois não houve consistência nos movimentos para corroborar a sugestão de Quadros e Karnopp (2004).

Apesar de dedicar seu estudo mais especificamente à formação de sinais por meio da composição, vale mencionar a pesquisa de Minussi e Takahira (2013), pois os autores também descreveram o fenômeno da formação de palavras na Libras ao observarem a distinção de nomes e verbos, sob a perspectiva teórica gerativa para a morfologia: a Morfologia Distribuída (MD). A partir de sua análise de dados, os autores propõem a existência de dois tipos de raiz na Libras: um tipo que contém o traço movimento e um que não contém, sendo o traço movimento associado posteriormente. Isso significa que, nessa proposta, o movimento não necessariamente exerce função distintiva das categorias de palavras, mas a distinção seria interpretada sintaticamente, a exemplo do que defende Almeida-Silva (2019).

Outra pesquisa dedicada a investigar o fenômeno foi a de Lavras (2019), realizada na Bahia durante o curso de mestrado da pesquisadora. Os dados analisados, produzidos a partir dos mesmos pares semânticos de Pizzio (2011), também obtidos por meio de testes com produção de sentenças, corroboram os resultados dessa autora, ao apresentar as mesmas inconsistências em relação ao parâmetro movimento enquanto traço distintivo das categorias de palavra.

Santos (2020) realizou um estudo a partir de uma perspectiva gerativa da morfologia, assumindo que categorias gramaticais de palavras são formadas sintaticamente. A partir disso, compreende que a forma fonológica que emerge para a superfície a partir da sintaxe pode passar a ser a mesma para sinais que correspondem a nomes e verbos. Com análise de oito pares de sinais, que considera os mais analisados em pesquisas anteriores, a saber TRABALHO_TRABALHAR, ESCOVA DE DENTES_ESCOVAR DENTES, TESOURA_CORTAR-COM-TESOURA, ESCRITA_ESCREVER, AVIÃO_IR-DE-AVIÃO, CARRO_DIRIGIR-CARRO, FACA_CORTAR-COM-FACA, DANÇA-DANÇAR, a autora, em suas conclusões, sugere que o morfema BOCA atua como um categorizador de palavras e que, quando o movimento não está concatenado à raiz, a marcação de categorias gramaticais ocorre na sintaxe.

Sobrinho (2022), em sua pesquisa de mestrado, investigou os significados de diferentes tipos de movimento (M) na Libras. O autor analisou movimentos de tipo “curto amplo; rápido x lento; tenso x suave; iniciativo x cursivo x terminativo x repetido; durativo/continuativo x iterativo / descontínuo; unidirecional x bidirecional x multidireccio-

nal” (p. 149). O autor selecionou e analisou dados em seu contexto de produção, pois, para ele, não há como analisar esses aspectos apenas olhando para o sinal, uma vez que o contexto de produção colabora para a definição de significados. Sua análise sugere que o tipo do movimento desempenha papel adverbial e de mudança de categoria gramatical de palavra, como o caso de N e V. Para ele, não é apenas a repetição do parâmetro M que expressa fonologicamente o processo morfológico de derivação, mas a intensidade do movimento. Em suas próprias palavras, quando o M é “realizado de forma mais curta e tensa, objetiva e direta, muda de categoria” (p. 150). Ou seja, o autor sugere que tanto a marca morfofonológica quanto o contexto enunciativo são relevantes para distinção de N e V.

Desse modo, essas pesquisas sugerem duas perspectivas para que possamos estender a generalização da ASL sobre o parâmetro M ser associado à derivação e distinção de categorias de palavras na Libras, pois algumas pesquisas (Sobrinho, 2022) corroboram parcialmente a afirmação de Quadros e Karnopp (2004), enquanto outras (Minussi e Takahira, 2013; Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020) sugerem interpretação na sintaxe ou no contexto (Sobrinho, 2022), para a compreensão da categorização de palavras na língua.

CONTEXTO MORFOSSINTÁTICO DE OBTENÇÃO DOS DADOS

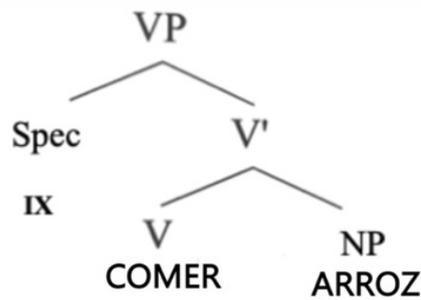
A fim de certificarmos que cada sinal analisado correspondia às categorias nome e verbo, assumimos a proposta de Almeida-Silva (2019), segundo a qual “a língua distingue sintaticamente os verbos de seus argumentos” (p. 101).

A partir disso, é possível compreender que a morfossintaxe, no que diz respeito à grade argumental de itens que estruturam uma Unidade Sintática (US), nos auxilia a minimizar ambiguidades em relação à natureza categorial dos itens lexicais analisados, a exemplo do que é proposto por Ferreira (2021).

Desse modo, conforme discutido por Almeida-Silva (2019) e Ferreira (2021), foram coletadas Unidades Sintáticas (US)⁴ a partir da grade argumental de N e V que aceitam as categorias N e V como argumento interno.

⁴ Royer (2019), define Unidade Sintática (US), como os segmentos do discurso em Libras, por meio de pausas, como ao repousar as mãos, por exemplo (p. 98).

Figura 3 – Representação de unidade sintática da Libras



Fonte: Silva (2020, p. 30)

Um exemplo de US é o apresentado na figura 3, em que é possível observar a grade argumental satisfeita do verbo COMER. Ao coletar um sintagma como esse, foi possível ter certeza de que o sinal que estruturou o sintagma se trata de um verbo, o que torna possível observar se o movimento corresponde à generalização da ASL, bem como se o *mouthing*, quando presente, colabora para distinguir as categorias de palavra.

Cabe registrar que nem sempre uma US tem suas fronteiras claras como no exemplo da figura 3. Para momentos em que coletamos US em sentenças do tipo relativas e/ou QU, usamos estratégias como a de Royer (2019), que considera pausas e repousos de mão como fronteiras, além do exemplo de Figueiredo e Lourenço (2019), que observaram as demarcações de fronteiras sintáticas a partir do movimento de sobrancelhas, em sentenças como relativas e QU.

MÉTODO

A fim de constituir o *corpus* de análise da investigação, dados de produção espontânea do Projeto *Corpus* da Libras – UFSC foram coletados do subprojeto Inventário da Libras, com 24 sinalizantes⁵ da grande Florianópolis que participaram na coleta para o projeto.

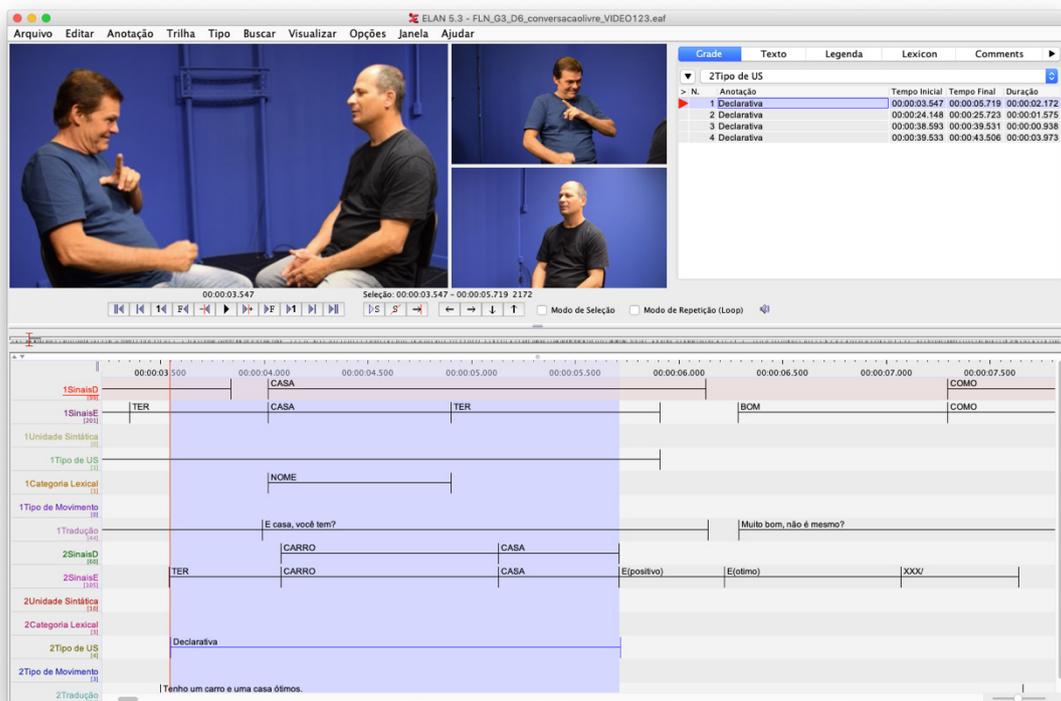
Dos temas de vídeo que constituem esse *corpus*, foram escolhidas as categorias: entrevista, conversação livre, conversação sobre tecnologia. A motivação para escolha desses temas deu-se pelo fato de os participantes estarem mais relaxados, sem reproduzir uma narrativa, por exemplo. Isso significa que a produção da língua é a mais espontânea possível para o momento, de modo que um possível monitoramento seja minimizado. De todo modo, foram excluídos trechos em que o sinalizante aparentava monitorar e con-

⁵ Optamos por nos referir às pessoas que falam em Libras por sinalizantes.

trolar sua sinalização, como ao olhar para a câmera, a exemplo do que preconizou Labov (2008 [1972]).

Para realizar a busca dos pares semânticos estabelecidos por Pizzio (2011), criamos um banco de dados com arquivos .eaf, que correspondem a transcrições de dados do *software* de anotações ELAN. As transcrições básicas que permitiram realizar as buscas e analisar os dados foram realizadas pela equipe do Projeto *Corpus* da Libras – UFSC e coletadas com os vídeos na página da iniciativa.

Figura 4 – Transcrição no software ELAN



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa de Silva (2020).

A figura 4 demonstra como são analisados os sinais encontrados, pois criamos trilhas de transcrição adicionais para descrever aspectos de interesse desta pesquisa, de acordo com seu objetivo, sendo estas: Tipos de US (declarativa, QU, relativa etc.), Categoria Lexical do Sinal (N ou V), Tipo de Movimento (1 longo, 2 repetidos), *mouthing*.

Schwager e Zeshan (2010) destacam alguns problemas metodológicos para a descrição de línguas de sinais, associados ao fator modalidade da língua, já que as línguas de sinais têm sido estudadas mais recentemente em comparação a línguas de modalidade

oral-auditiva. Nesse sentido, buscamos propor alguns critérios, de ordem sintático-semântica, para selecionar dados e para sua posterior análise, conforme resumido no quadro 1.

Quadro 1 – Síntese de critérios para seleção e análise de dados

Crítérios para seleção e análise de dados
1. Selecionar sinais com ocorrência igual ou superior a quinze.
2. Descartar ocorrências em trilha de tradução e/ou comentários do tradutor.
3. Selecionar verbos manuais e classificadores, incluindo DV.
4. Dar preferência a sinais em estrutura SVO e descartar ocorrências cujo predicador aceite ambas as CGs.
5. Utilizar sentenças de ordem não canônica para analisar apenas verbos.
6. Selecionar USs estruturadas por um nome, como <i>small clauses</i> .
7. Descartar dados com monitoramento de fala.
8. Adequar as transcrições já prontas, quando necessário, de acordo com o conhecimento de língua do pesquisador.
9. Analisar os sinais mesmo sem ser em pares, pois já é possível obter evidências da generalização fonológica associada à CG.

Fonte: Silva (2020, p.72).

Optamos por selecionar sinais com ocorrência igual ou superior a quinze pois foi a quantidade mínima de um mesmo sinal que encontramos nas buscas. Descartamos ocorrências em trilhas que não fossem de transcrição, pois não eram representação da Libras, mas do português, que não foi objeto de investigação. Buscamos selecionar verbos, classificadores e DVs (descrições visuais – pois podem ser objeto/substantivo) em Unidades Sintáticas (USs) com estrutura SVO, pois é mais evidente pela posição argumental o que vem a ser um V e/ou N. Os critérios 5 e 6 foram elaborados a fim de busca e seleção de dados, mas não foram utilizados, uma vez que não encontramos ocorrências nesse tipo de estrutura.

No que diz respeito à espontaneidade e naturalidade dos dados, foram descartadas ocorrências em que era evidente que o sinalizante havia copiado o sinal do entrevistador, ou estava monitorando sua fala por conta das câmeras. Ou seja, buscamos analisar ocorrências apenas quando era evidente que o sinalizante estava sinalizando sem interferências.

Por fim, alteramos as transcrições que consideramos ser necessárias para a Glosa, o que realmente correspondia ao sinal, pois às vezes se tratava de algo que o transcritor compreendia, e não do que está difundido como o nome do sinal em bancos de sinais,

como o *SignBank* e dicionários. Isso é natural, dado que várias pessoas realizam o trabalho de transcrição no Corpus da Libras – UFSC. Além disso, analisamos sinais mesmo sem seu par correspondente, uma vez que buscamos os pares elencados em Pizzio (2011), pois consideramos que, já que a generalização associa M repetidos a N, avaliá-los a presença / ausência desse traço fonológico dos sinais coletados, assim sem prejuízo para a análise, pois é evidente que o que está em questão é a repetição do movimento desses sinais e se ele corresponde ao proposto para a ASL.

Desse modo, seguindo os critérios estabelecidos, pudemos nos certificar de que os dados do *corpus* elaborado atendem ao objetivo da investigação do fenômeno morfológico derivação em Libras, tendo obtido os sinais apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Sinais analisados e ocorrências no corpus

Verbo	Ocorrências	Nome	Ocorrências
COMER	96	FUTEBOL	15
BRINCAR	134	CARRO	228
SENTAR	141	TELEFONE	78
SONHAR	45	Total	336
CASAR	273		
CHORAR	49		
PENSAR	399		
Total	1154		

Fonte: Silva (2020, p. 69).

Finalmente, é importante salientar que os dados obtidos a partir dos critérios elaborados são reflexo da natureza dos dados escolhidos para análise. Quando a natureza do *corpus* de análise é de produção espontânea, não há como controlar o que será analisado, pois é possível analisar somente o que é encontrado.

ANÁLISE E RESULTADOS

A fim de compreender melhor os resultados, é importante reafirmar que, de acordo com o que foi sugerido por Quadros e Karnopp (2004), V apresentam apenas um movimento longo, enquanto N apresentam o mesmo movimento de forma repetida e encurtada, ou seja, dois movimentos. Nos quadros 3 e 4, podemos observar dados em que o sinal apresenta o tipo de movimento (M) contrário ao sugerido pelas autoras.

Quadro 3 – Representação para US com o verbo COMER em Libras

VÍDEO: FLN_G3_D6_2entrevista_VIDEOS123																																				
NÚMERO DE OCORRÊNCIAS: 2																																				
SINALIZANTE 17																																				
 																																				
COMER	Link para vídeo																																			
<table border="1"> <tr> <td>1SinaiD [830]</td> <td>IX(eu)</td> <td>COMER</td> <td>ARROZ</td> <td>CARNE</td> </tr> <tr> <td>1SinaiE [1329]</td> <td></td> <td></td> <td>ARROZ</td> <td>CARNE</td> </tr> <tr> <td>1Unidade Sintática [1]</td> <td colspan="4">Declarativa</td> </tr> <tr> <td>1Categoria Lexical [1]</td> <td colspan="4">Verbo</td> </tr> <tr> <td>1Tipo de Moviment [1]</td> <td colspan="4">2 curtos</td> </tr> <tr> <td>1Mouthing [1]</td> <td colspan="4">ø</td> </tr> <tr> <td>1Tipo de Mouthing [6]</td> <td colspan="4"></td> </tr> </table>	1SinaiD [830]	IX(eu)	COMER	ARROZ	CARNE	1SinaiE [1329]			ARROZ	CARNE	1Unidade Sintática [1]	Declarativa				1Categoria Lexical [1]	Verbo				1Tipo de Moviment [1]	2 curtos				1Mouthing [1]	ø				1Tipo de Mouthing [6]					
1SinaiD [830]	IX(eu)	COMER	ARROZ	CARNE																																
1SinaiE [1329]			ARROZ	CARNE																																
1Unidade Sintática [1]	Declarativa																																			
1Categoria Lexical [1]	Verbo																																			
1Tipo de Moviment [1]	2 curtos																																			
1Mouthing [1]	ø																																			
1Tipo de Mouthing [6]																																				

Fonte: Silva (2020, p. 77)

O V COMER apresenta dois movimentos encurtados, como é possível observar. Já o N TELEFONE apresenta apenas um movimento, conforme representação do quadro 4.

Quadro 4 – Representação para US com o nome TELEFONE em Libras

VÍDEO: FLN_G2_D6_CONVER_TecnologiaIC_VIDEO123	
NÚMERO DE OCORRÊNCIAS: 3	
SINALIZANTE 12	
 	
TELEFONE	Link para vídeo

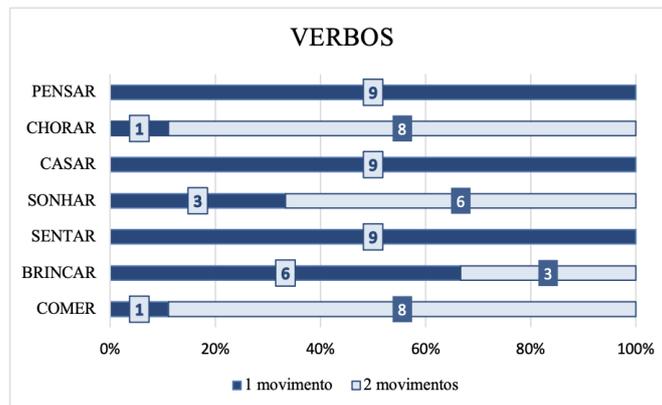
1SinaiD [281]	NOVO	TELEFONE	DESENVOLVER
1SinaiE [154]			DESENVOLVER
1Unidade Sintática [1]	Declarativa		
1Categoria Lexical [1]	Nome		
1Tipo de Moviment [1]	1 longo		
1Mouthing [1]	ø		
1Tipo de Mouthing [6]			

Fonte: Silva (2020, p. 155)

Em termos de quantidade de todos os sinais encontrados e analisados que correspondem à categoria de palavra verbo, 60% apresentaram apenas um movimento.

Gráfico 1 – Porcentagem de tipo de movimento em cada V

Gráfico 2: Porcentagem de movimento de cada verbo

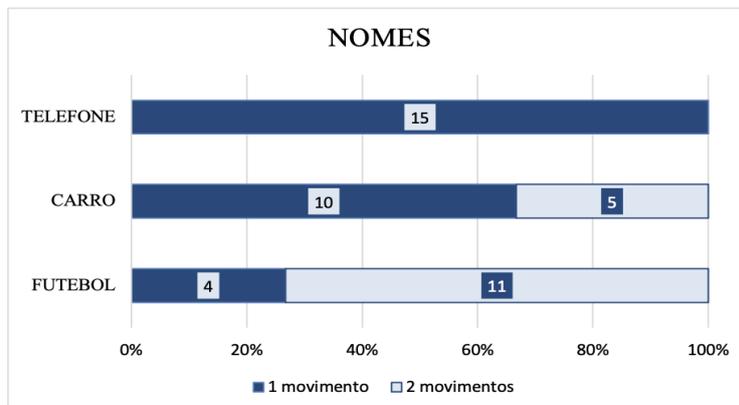


Fonte: Silva (2020, p. 79).

Em relação a nomes, a maioria, 64%, também apresentou apenas um movimento.

Gráfico 2 – Porcentagem de tipos de movimento em N

Gráfico 4: Porcentagem de movimento de cada nome



Fonte: Silva (2020, p. 80).

No que diz respeito ao *mouthing*, dos 24 participantes, apenas sete realizaram a articulação boca. Dos 1490 sinais analisados, apenas dez apresentaram *mouthing*, dos quais apenas seis com função distintiva entre as categorias de palavra, para marcar a categoria verbo.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa podem indicar que a Libras não apresenta distinção categórica a partir do parâmetro fonológico Movimento para verbos e nomes. Porém, deve-se atentar ao fato de que os dados de produção espontânea aqui analisados são de uma amostra local, da grande Florianópolis.

Apesar disso, é interessante comparar os resultados com outras pesquisas, como a de Pizzio (2011) e de Lavras (2019). Essas pesquisas foram realizadas com dados coletados em outras regiões do país, Rio Grande do Sul e Bahia, respectivamente, e tiveram resultados semelhantes, que apontam a falta de distinção categórica associada ao M. Isso sugere que há uma possibilidade de que a falta de padrão de Movimento para sinais que correspondem a N e V possa ser uma característica da Libras de modo geral.

No que diz respeito ao *mouthing*, os resultados da análise apontam que ele não demonstrou exercer função distintiva relevante na amostra investigada. Contudo, não é possível afirmar que a articulação boca não desempenhe papel morfológico na Libras.

É possível que exista uma relação entre a realização do morfema com algumas características dos participantes da pesquisa, como o grau de oralização e de conhecimento da Libras; com o momento em que adquiriram sua L1, no sentido de ter sido uma aquisição precoce ou tardia; outra variável também pode ser o domínio da língua portuguesa associado ao grau de surdez.

Isso significa que outras variáveis, de caráter sociolinguístico, podem estar atuando na ausência ou presença do *mouthing* na amostra, o que requer investigações futuras que levem em consideração esses aspectos dos participantes como fator que possa interferir nos dados.

Em relação às hipóteses iniciais, de que apenas o contexto morfossintático seja relevante para a compreensão e distinção das categorias N e V ou de que a marca morfofonológica seja o que permite a interpretação, os dados demonstram que as afirmações de Minussi e Takahira (2013), Almeida-Silva (2019), Santos (2020) e Sobrinho (2022) estavam corretas. Isso significa que, ao menos no *corpus* analisado nesta pesquisa, o contexto sintático das sentenças em que os sinais foram analisados foi suficientemente relevante

para compreender se os itens lexicais eram nomes ou verbos, já que não há articulação fonológica para distinção das categorias gramaticais de palavra na Libras.

A partir desses resultados e do caráter do *corpus*, é possível concluir que talvez exista uma correlação com aspectos sociolinguísticos, ou seja, que as características sociais dos 24 sinalizantes surdos da amostra de dados proveniente da grande Florianópolis possam estar evidenciando um estado da língua em processo de mudança. Além disso, os resultados também podem estar relacionados à variável idade dos participantes e a seu nível de escolaridade.

No que diz respeito ao perfil de aquisição da língua dos participantes da pesquisa, os dados sugerem poder haver relação com o perfil de aquisição precoce ou tardia dos surdos participantes, atuando como uma variável que pode ter interferido nos resultados.

Apesar de os resultados de caráter sociolinguístico não terem sido de interesse deste estudo, salientamos que pesquisas de duas diferentes regiões do país apresentaram os mesmos resultados: a de Pizzio (2011), com dados do Rio Grande do Sul, e a de Lavras (2019), com dados da Bahia. Isso significa que, independentemente do perfil sociolinguístico do *corpus*, esta pesquisa reforça que a falta de distinção morfofonológica em substantivos e verbos da Libras pode ser algo da língua de modo geral. Porém, apenas a análise de amostras em nível nacional, incluindo de outras localidades, pode realmente assegurar que os resultados não estejam apontando para uma característica local dos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permite observar, de acordo com seu objetivo principal, qual seja, o de *compreender se na Libras há distinção morfofonológica ou apenas interpretação morfossintática das categorias gramaticais de palavra*, que não há regularidade na distinção morfofonológica entre nomes (substantivos) e verbos. Foi possível compreender que a diferença na natureza dos dados não interferiu nos resultados, que são semelhantes aos de pesquisas com dados de outras regiões do país (Pizzio, 2011; Lavras, 2019). Desse modo, esta pesquisa corrobora o que afirmam outros pesquisadores (Almeida-Silva, 2019; Santos, 2020; Sobrinho, 2022), que o contexto em que o sinal se encontra é relevante para interpretação de que um sinal é N ou V.

Assim, a partir da pesquisa de Minussi e Takahira (2013), é possível concluir que a abordagem teórica da Morfologia Distribuída explica suficientemente o fenômeno em questão, de que a categorização de palavras ocorre ao longo da computação sintática,

tornando a forma fonológica irrelevante, nesse caso. Essa ideia corrobora o que sugerem outros pesquisadores, como Lourenço (2018), Almeida Silva (2019) e Santos (2020), além de Sobrinho (2022), ainda que este último tenha encontrado também a distinção via movimento em seus dados.

Apesar de os resultados sugerirem que a Libras não evidencia com traço realizado fonologicamente a derivação, em outras palavras, com a articulação repetida do M, o presente estudo permite compreender que outras questões, de caráter sociolinguístico, podem estar atuando para que isso aconteça. Desse modo, o campo de pesquisas da Libras ainda oferece muito a ser explorado no que diz respeito ao nível de análise linguística da morfologia e suas interfaces, bem como ao que pode caracterizar ainda mais sua tipologia.

Referências

ABNER, N. Determiner Phrases: theoretical perspectives. In: QUER, J. et al. *The Routledge Handbook Of Theoretical And Experimental Sign Language Research*. New York: Routledge, 2021.

ALMEIDA-SILVA, A. A *(in)definitude no sintagma nominal em libras: uma investigação na interface sintaxe-semântica*. 2021. 351 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FERREIRA, H. C. *A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira*. 2021. 229 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FIGUEIREDO, L. M. B; LOURENÇO, G. O movimento de sobrelhas como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. *Revista da Anpoll*, [S.L.], v. 1, n. 48, p. 78-102, 25 jun. 2019.

JOHNSTON, T. Nouns and verbs in Auslan (Australian Sign Language): an open and shut case? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 6, n. 4, 2001. p. 235-257.

LAVRAS, E. *A questão da categorização morfológica para nome e verbo na Libras*. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MINUSSI, R. D.; TAKAHIRA, A. G. R. Observações sobre os compostos da Libras: a interpretação das categorias gramaticais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 9, n. 1, jun. 2013.

PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROYER, M. *Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da grande Florianópolis*. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, H. R. Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras. *Scripta*, v. 24, n. 51, p. 488-513, 23 set. 2020.

SILVA, I. V. R. *Aspectos de nomes e verbos na Libras: identificação morfosintática*. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOBRINHO, P. L. S. *Os papéis morfológicos do movimento e seus efeitos sobre o significado em contextos sinalizados em língua brasileira de sinais: algumas reflexões*. 2022, 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLÉ, P. (Org.). *Understanding Language through Sign Language Research*. New York: Academic Press, 1978.

SCHWAGER, W; ZESHAN, U. Word classes in sign languages: criteria and classifications. In: ANSALDO, U; PFAU, R. *Parts of Speech*. Empirical and theoretical advances. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 5-42.

